

Apresentação

A quarta edição, anual, da revista digital **AÇAFA On-line,** correspondente ao ano de 2011, retoma a estrutura dos dois primeiros números (de 2008 e de 2009), com as secções de **Estudos e Trabalhos**, **Arquivo** e **Notícias**. Contudo, da primeira destas secções foi destacado um **Tema**, a exemplo do que se fez em 2010.

Este número ficou *em construção* desde a data da sua apresentação, em Outubro de 2011, até ao início de 2012.

O **Tema** desta quarta edição é dedicado à **Arte Rupestre do Tejo** e coincide com o aniversário dos 40 anos da descoberta daquele complexo artístico, acontecimento ocorrido no dia 31 de Outubro de 1971.

O conjunto de depoimentos que integram este **Tema** são de índole diversa, a maioria dos quais, memórias e reflexões acerca da descoberta, do "salvamento" e da valorização daquela arte préhistórica. O *dossier* é enriquecido com outras abordagens, nomeadamente sobre a investigação da Pré-História do Tejo (internacional), integrando o megalitismo e as manifestações gráficas.



Vista da estação de arte rupestre de Fratel, tirada de montante (fotografia de J. Pinho Monteiro, anos 70 séc. XX)



Vista da estação de arte rupestre do Cachão do Algarve (fotografia de J. Pinho Monteiro, anos 70 séc. XX)

A Associação de Estudos do Alto Tejo e a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão assinalaram aquela data com uma sessão pública, em Vila Velha de Ródão, no dia 28 de Outubro de 2011 (programa anexo).

A Arte Rupestre do Tejo corporiza um complexo gráfico, pré-histórico, de grande dimensão (com mais de 10.000 grafismos) e pode considerar-se uma das mais importantes descobertas arqueológicas feitas em Portugal no século XX. É reconhecido o seu elevado valor científico, de escala europeia, e o seu estatuto como património cultural. Concentra-se entre os concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, embora esteja presente em afluentes do Tejo, como os rios Ocreza e Erges, abrangidos por outros municípios (Mação, Castelo Branco, Proença-a-Nova e Idanha-a-Nova).



Contudo, a arte rupestre do Tejo não adquiriu a notoriedade de um outro conjunto de arte préhistórica, situado a Norte e divulgado mais de 20 anos depois, a arte paleolítica do Côa. Entre as causas de tal disparidade podem identificar-se diferentes conjunturas político-sociais e, talvez, o facto de a grande maioria das gravuras do Tejo ter ficado fora da atenção pública, submersa pelas águas da barragem de Fratel.

No domínio científico, o património gráfico do Tejo tem sido objecto de inúmeros estudos, onde se destacam dois dos mais antigos investigadores desta realidade, António Martinho Baptista e Mário Varela Gomes. Este último, é autor da mais monumental obra, e do mais completo *corpus*, da arte do Tejo, ainda inédito, que foi objecto da sua dissertação de doutoramento, no final de 2010, na Universidade Nova de Lisboa.

Mais recentemente, investigadores ligados ao Museu de Mação têm dedicado uma especial atenção aos conjuntos gráficos do Baixo Ocreza, no âmbito de teses académicas. A Associação de Estudos do Alto Tejo também tem vindo a pesquisar com idêntico propósito diversos afluentes da margem direita do Tejo, casos dos rios Erges, Aravil e Ponsul, com resultados de interesse no primeiro daqueles rios.

Mas tem sido na envolvente do Tejo, em território espanhol, que se têm atingido os resultados mais interessantes ao nível da contextualização das manifestações gráficas, por iniciativa de préhistoriadores da Universidade de Alcalá de Henares.

Por outro lado, o encanto dos grafismos presentes nas margens do rio Tejo e seus afluentes tem ficado patente na sua apropriação como logótipos de diversas entidades (casos do antigo Centro Nacional de Arte Rupestre, do Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão, do Instituto Mediterrânico e da Associação de Estudos do Alto Tejo), de eventos (diversas reuniões científicas) ou na obra de artistas plásticos, como David Almeida.

A descoberta da Arte do Tejo e o seu subsequente salvamento pelo registo, até meados dos anos 70, só possível graças aos apoios concedidos pela Fundação Calouste Gulbenkian, com o aval dos organismos públicos de então, foi uma verdadeira escola de vocações e de maturação, por ali tendo passado uma expressiva geração de investigadores.

A arte do Tejo é mais uma valia para o nosso desenvolvimento mas para isso temos de conhecer melhor aquele património, seja por usufruto directo, tal como já foi proposto às entidades de quem depende a concretização desse objectivo, seja através da continuação do seu estudo e divulgação, começando pela publicação da tese de Mário Varela Gomes.

Nessa linha, e para formalizar o reconhecimento público do valor cultural da arte rupestre do Tejo, a AEAT e a CMVVR solicitaram ao IGESPAR a classificação do conjunto de sítios associados àquele complexo como Património Cultural de importância nacional.

A proposta foi acolhida pela tutela com o procedimento de classificação da estação de Fratel, anunciado pela Subdirectora do IGESPAR

(Doutora Ana Catarina Sousa), na sessão pública realizada no dia 28 de Outubro, em Vila Velha de Ródão.

Além dos onze depoimentos que dão corpo ao **Tema**, este número reúne mais 19 estudos e trabalhos que se repartem, como habitualmente, pelos domínios do património geológico e mineiro, da arqueologia e epigrafia, da etnografia, da sociologia, atingindo mais de 1000 páginas de texto e imagem.

A apresentação pública desta edição completa, a cargo do Prof. Dr. José d'Encarnação, foi programada para a Vila de Oleiros, dia 24 de Março de 2012, com o apoio da Câmara Municipal. Por gentileza do Geopark Naturtejo, o programa inclui uma conferência do Prof. Dr. Diamantino Pereira (Universidade do Minho), com

o título "Memórias da origem e da evolução das montanhas e dos rios portugueses".

